

## Competitividade pela tecnologia

Celso Foelkel \*



Arquivo

Foelkel defende formação de alianças

Indústrias tais como as de base química, petroquímica, siderúrgica, metalúrgica e celulósico-papeleira são atividades econômicas maduras. Isso significa que os ganhos rápidos, crescentes, inesperados e generosos a curto espaço de tempo são coisas do passado.

A atividade celulósico-papeleira, embora mostrando amplo potencial de sucesso por longo tempo à frente, depende de somatórios contínuos de esforços por produtividade, qualidade e desenvolvimento, quer técnico ou gerencial. Isso porque estamos falando de produtos que dependem de escala de produção, onde qualquer centavo economizado por unidade de produção alavanca consideráveis economias e aumento de margem ao término do ano. Redução de custos, aumento de escala, redução de desperdícios, maior eficiência no aproveitamento da escala de produção e concentração no negócio vital são as ações mais requeridas. Tudo isso pode ser abrangido pela denominação "capacitação

tecnológica produtiva". Além disso, o ambiente onde se insere a indústria está repleto de pressões para inovações em processos e produtos, principalmente ditados por novos padrões ambientais e energéticos.

Ao longo de sua vida, a indústria tem enfrentado invernos e primaveras, sendo que as primaveras têm-se tornado mais curtas e escassas e os invernos mais longos e numerosos.

Nossa indústria produz basicamente *commodities*, produtos de larga escala de produção e consumo e que têm seus preços ditados não pelo custo, mas pelas leis de oferta e procura no mercado.

Para manter sua competitividade a indústria apoia-se fundamentalmente em: a) escala de produção (dimensão, eficiência de uso da capacidade, redução de ineficiências, concentração, fusões, crescimento); b) logística (custos, facilidades, dinamismo, apoio governamental, estoques, clientes cativos etc.); c) insumos (energia, produtos químicos, madeira, fontes de insumos, cenários futuros); d) capital (disponibilidade, custo, remuneração); e) tecnologia; f) recursos humanos.

Sendo uma indústria capital intensivo, para gerar crescimento de escala e sendo capital um recurso raro para aplicação em atividade produtiva no País, a indústria deve buscar sua competitividade valendo-se principalmente de tecnologia e recursos humanos qualificados. Com isso, poderemos: a) otimizar capacitação produtiva; b) otimizar configurações tecnológicas industriais, via simplificação; c) otimizar capacitação tecnológica inovativa; d) reduzir custos/aumentar margem; e) otimizar logística; f) desenvolver produtos e processos; g) educar, capacitar em *know-how* e combater o analfabetismo tecnológico.

Tecnologia é função de mercado, ambiente para inovação, risco assumido e gente. Quanto mais se agrupa qualidade e quantidade a cada componente, maior é a chance de sucesso.

No passado, o que se constituía em grande charme das empresas e dos governos, que eram os centros tecnológicos, hoje eles passaram a se constituir não no cérebro gerador, mas em apenas células nervosas de extensas malhas pulsantes de grandes redes tecnológicas com grande número de parceiros (clientes, fornecedores, universidades, institutos, terceirizados, associações, governo etc.). Basta saber entender e gerenciar essa nova realidade, a realidade das alianças tecnológicas.

Vivemos um momento singular, onde queremos manter nossa competitividade em um mundo altamente perigoso e guerreiro. Como conviver sabiamente com esse ambiente? Como não ser destruído por ele? Como conseguir manter-se na fronteira tecnológica sem obsoletar em pouco tempo o que temos? Como manter nosso nível de capacitação tecnológica comparável aos melhores?

Uma das soluções é fortalecer a nossa rede tecnológica, expandindo, cooperando, monitorando, somando e desenvolvendo. Logo, a palavra associação, via tecnológica, é uma das chaves que temos a usar no Brasil. Por que não fazê-lo mais intensamente? Essa chave pode ser útil a todos, mas não é algo a ser cedido generosamente de uns para outros. Ela deve ser conquistada, compartilhada, trocada, cedida ou comprada. É para ser um soma-soma e não um tirar-tira. A hora que entendermos isso, sabremos como agir. Precisamos entender também que tecnologia é produto, e como tal tem preço. Conhecimento tecnológico idem. Ainda há tempo para firmar alianças estratégicas, entre nós, via comprometimento. Ao pensar nisso, lembar que o mundo é muito maior que uma ilha e as oportunidades tecnológicas podem estar em qualquer lugar.

\* Celso Foelkel, diretor técnico da ABTCP e diretor de Tecnologia e Ambiente da Riocell